

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de São Paulo Class.: _____

Data: 18.06.77 Pg.: _____

**Índio de Nonoai
revela agressões**

Da sucursal de
PORTO ALEGRE

O índio Néelson Jacinto denunciou ontem, em Porto Alegre, que os guardas florestais da Secretaria da Agricultura voltaram a agredir indígenas que vivem junto ao rio da Várzea, na altura do município Gaúcho de Rodeio Bonito, na reserva de Nonoai. Néelson Jacinto esteve em Porto Alegre para encontrar-se com 37 guaranis que vieram da Argentina há oito anos e que há três meses encontram-se em precárias condições, morando sob uma ponte. Denunciando a volta à prática de arbitrariedades por parte dos guardas florestais encarregados da vigilância da reserva estadual de Nonoai, o kaingangue me contou, por exemplo, que, às 15 e 30 do dia 8 deste mês, o índio João Batista Loureiro foi atacado por três guardas, que o espancaram com um facão.

“João Batista recolhia pinhão na reserva — disse Jacinto — quando foi surpreendido pelos guardas que lhe gritavam: ‘foi você que nos denunciou da outra vez, por isso merece ser castigado’. Logo depois, enquanto dois seguravam o índio pelos braços, o terceiro, chamado Modesto, aplicou-lhe cinco golpes com as faces de um facão. No sexto golpe, a arma atingiu um dos guardas e o kaingangue aproveitou para fugir, enquanto

ouvira ameaças: ‘suma, porque da outra vez nós vamos matar você!’”

Alguns dias antes, Nelson Jacinto não soube precisar o dia e o local, outro kaingangue chamado Baiê quase foi morto a tiros pelos guardas. Ele havia derubado um arbusto para colher mel, mas foi surpreendido pelos guardas florestais e fugiu. Enquanto corria, os funcionários disparavam os revólveres em sua direção.

DENÚNCIA

Esta é a segunda vez que guardas florestais destacados para vigiar a reserva de Nonoai, onde vivem 22 famílias de kainganges, são acusados de agredir indígenas. As ocorrências anteriores — espancamentos, derubada de casebres, inutilização de roças — registraram-se no segundo semestre do ano passado, numa visível tentativa de expulsão dos índios daquele lugar.

O presidente da Funai, general Ismarth de Araújo Oliveira, ficou sabendo das agressões e oficiou à Secretaria da Agricultura do Rio Grande para que averiguasse as acusações. Foi criada uma comissão de sindicância, mas em dezembro do ano passado ela concluiu que “não houve qualquer agressão aos índios” e recomendou que eles fossem transferidos para algum dos postos da Funai no Estado.